

CENTRO UNIVERSITÁRIO SAGRADO CORAÇÃO

MAIARA CRISTINE DA SILVA BORIM

INTOLERÂNCIA RELIGIOSA E SEUS IMPACTOS NO MUNDO: OS DESAFIOS
PARA O ALCANCE DO DIÁLOGO

BAURU
2021

MAIARA CRISTINE DA SILVA BORIM

INTOLERÂNCIA RELIGIOSA E SEUS IMPACTOS NO MUNDO: OS DESAFIOS
PARA ALCANCE DO DIÁLOGO

Monografia de Iniciação Científica do curso de Relações Internacionais apresentada ao Programa Institucional de Iniciação Científica e de Desenvolvimento Tecnológico e Inovação do Centro Universitário Sagrado Coração.

Orientador: Prof. M.e Fábio José de Souza.

BAURU
2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo
com ISBD

B726i	<p>Borim, Maiara Cristine da Silva</p> <p>Intolerância religiosa e seus impactos no mundo: os desafios para alcance do diálogo / Maiara Cristine da Silva Borim. -- 2021. 33f.</p> <p>Orientador: Prof. M.e Fabio José de Souza</p> <p>Monografia (Iniciação Científica em Relações Internacionais) - Centro Universitário Sagrado Coração - UNISAGRADO - Bauru - SP</p> <p>1. Diálogo. 2. Intolerância Religiosa. 3. Política. 4. Religião. I. Souza, Fabio José de. II. Título.</p>
-------	---

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a Deus, minha família, ao orientador Fábio, e toda a equipe acadêmica juntamente com o Unisagrado, que auxiliaram na realização da pesquisa.

RESUMO

Ao observar diversos povos, pode-se concluir que cada um deles possuem características, religiões e culturas singulares, mas com o aumento da intercomunicação, acabou por evidenciar um quadro que há muito tempo assombra a humanidade: a intolerância religiosa. As divergências de crenças, sendo uma das principais causas deste quadro, não deve ser pauta batida até que, de forma satisfatória, seja sanada a ponto de não ser mais um mal fisiológico e orgânico para as nações. De forma que, o presente estudo analisou os impactos globais que as perseguições religiosas acarretam, os fatores que têm feito os cristãos atingirem um alto nível de repressões por causa da fé juntamente com a sua perda de adeptos e, as medidas adotadas pelas organizações internacionais, para combaterem conflitos de incompatibilidade de crenças, mediante ao quadro de intolerância crescente e a representatividade feminina no âmbito religioso. O trabalho foi devidamente embasado por estudiosos e patronos dos temas apresentados, na expectativa de explicitar a relevância do assunto atualmente, cujas migrações e comunicações em diversas partes do mundo estão atingindo proporções maiores a cada dia, sendo não só importante os aspectos religiosos, mas também, os políticos e sociais.

Palavras-chave: Diálogo. Intolerância religiosa. Política. Religião.

ABSTRACT

Observing different people, it can be concluded that each one of them has unique religious and cultural characteristics, but with the increase of intercommunication, it ended up revealing a situation that has haunted humanity for a long time: religious intolerance. The divergences in beliefs, being one of the main causes of this situation, must not be overcome until it is satisfactorily remedied to the point where it ceases to be a physiological and organic evil for nations. Thus, this study analyzed the global impacts that religious persecutions cause, the factors that have led Christians to reach a high level of repression because of their faith and the loss of adherents, and the measures taken by international bodies to combat the conflicts of incompatibility of beliefs, in a framework of growing intolerance and female representation in the religious sphere. The work was duly supported by scholars and patrons of the themes presented, in the hope of clarifying the topicality of the subject, whose migrations and communications in different parts of the world are each day reaching greater proportions, with important not only the religious aspects but also, political, and social.

Keywords: Dialogue. Religious intolerance. Policy. Religion.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO E REVISÃO DE LITERATURA	7
2. MATERIAIS E MÉTODOS	10
3.RESULTADOS	11
3.1 CRISTIANISMO	11
3.2 ISLAMISMO	18
3.3 AS MULHERES NA RELIGIÃO E A ONU SOBRE A QUESTÃO RELIGIOSA	22
4. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	25
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
REFERÊNCIAS	27
ANEXO A - CARTA DE DISPENSA DE APRESENTAÇÃO AO CEP OU CEUA	34

1. INTRODUÇÃO E REVISÃO DE LITERATURA

A religião é algo que acompanha o ser humano desde os primórdios da sociedade. Na antiguidade pode-se observar a existência de divindades com base em evidências escritas da época, como no Antigo Egito (2575-2130), cujas pirâmides de Gizé foram construídas e, diretamente ligadas ao culto de Rá, o deus sol. Já por volta do segundo milênio a.C. viveu um homem chamado Abraão e foi o primeiro a surgir com a ideia de “um único Deus”, sendo este o patriarca de três grandes religiões monoteístas no mundo, o judaísmo, cristianismo e islamismo, como apontam os historiadores e, também escritores, Marriott (2017, p.15), em “A história do mundo pra quem tem pressa” e Coggiolla (2011) em “Islã histórico e islamismo político”.

Partindo da religião, surgiram grandes impérios ao longo da história, normalmente possuindo sua política, com base nos princípios religiosos. No entanto, com o crescente número de religiões, aparecem os conflitos denominados de “guerras santas”, que até os dias atuais tem tomado dimensões gigantescas no âmbito mundial. Por causa dessas diferenças sagradas, a expressão “intolerância religiosa”, vem crescendo nas últimas décadas, para enfatizar o preconceito com diversas religiões existentes. É perceptível o fato de que os movimentos, de natureza legítima, que visam combater a intolerância religiosa, buscam o respeito mútuo entre as religiões, pois este é uma via de mão dupla. O filósofo John Locke defendia o respeito entre as pessoas com crenças divergentes, sendo ele um dos pioneiros a combater a intolerância religiosa e propagar o respeito ao direito à diversidade de crenças, evidenciado em um trecho de sua “Carta acerca da tolerância”

Considero-a como uma sociedade livre e voluntária. Ninguém nasce membro de uma igreja qual quer caso contrário, a religião de um homem juntamente com propriedade, lhe seriam transmitidas pela lei de herança de seu pai e de seus antepassados, e deveria sua fé a sua ascendência: não se pode imaginar coisa mais absurda. O assunto explica-se desta maneira. Ninguém está subordinado por natureza a nenhuma igreja ou designado a qualquer seita, mas une-se voluntariamente à sociedade na qual acredita ter encontrado a verdadeira religião e a forma de culto aceitável por Deus. A esperança de salvação que lá encontra, como se fosse a única causa

de seu ingresso em certa igreja, pode igualmente ser a única razão para que lá permaneça. (LOCKE, p.3, 1689)

Ao analisar a intolerância religiosa, é possível notar que, todas as religiões sofrem algum tipo de preconceito em diversas partes do mundo, não sendo exclusividade de apenas uma crença, porém, a perseguição ao cristianismo tem se destacado pelo número exorbitante de repressões. Um relatório feito pelo bispo anglicano Philip Mounstephen, encomendado pelo ministro das Relações Exteriores do Reino Unido, Jeremy Hunt, e veiculado pelo portal de notícias britânico “The Guardian”, aponta que de todas as perseguições religiosas ocorridas no mundo, 80% ocorrem com adeptos ao cristianismo, e a Organização Não Estatal (ONG) “Open Doors” estimou que, mensalmente, cerca de 345 cristãos são mortos por causa da fé. Essas perseguições podem se dar por diversos fatores presentes nas diversas sociedades como, modelos governamentais, ideologias, ou até mesmo divergências religiosas, como aponta John Pontifex, editor chefe do Relatório de Liberdade Religiosa no Mundo da Fundação Ajuda à Igreja que sofre (ACN), a revista Veja em 2016.

A perseguição com grupos cristãos, pode-se denominar de “Cristofobia”, que, em teoria, remete a aversão a qualquer pessoa que professa sua fé em Jesus Cristo, no entanto, não é uma palavra formalizada e utilizada para expressar a perseguição religiosa com cristãos. A legitimidade da palavra é contestada por alguns estudiosos, como o historiador Eduardo Meinberg Maranhão, presidente da Associação Brasileira de História das Religiões, o qual afirmou em uma entrevista para o jornal Nexo “Algo que parece autêntico, mas não se comprova” e destacou que seria uma falsa simetria, comparada as religiões étnico religiosas

A marginalização de preconceitos também tem sido uma onda crescente, não somente no meio social, mas também no âmbito religioso, por exemplo, pouco se houve falar sobre discriminações com religiões menores, entretanto, não quer dizer que não aconteça ou são menos relevantes, assim também acontecem com religiões que são dominantes em determinadas regiões, mas sofrem prejulgamento em lugares cujo são minorias, como o islamismo no mundo ocidental e o cristianismo no oriental. Partindo do pressuposto da “Cristofobia”, segundo Guitton (2009), enfatiza que a marginalização desse tipo de intolerância religiosa no ocidente, ocorre

porque a sociedade não tem a visão que os cristãos possam ser minorias, em determinados lugares do mundo, por isso não são familiarizados com o tema, que, por muitas vezes, causa a estranheza. Essa divisão de “mundos”, apesar de não ser apenas religiosa, limita a visão das sociedades apenas para observar o ponto de vista da realidade onde estão inseridas, prejudicando de diversas formas, como o preconceito ao novo ou paradigmas de que grupos religiosos são iguais em toda e qualquer parte do mundo, isso restringindo apenas a problemas sociais e não levando em consideração a política, cultura, comércio, dentre outras áreas, que são afetadas por qualquer tipo de intolerância com crenças divergentes.

A diversidade religiosa necessita ser tratada com uma sensibilidade maior do que apenas a crença individual, pois vai muito além disso. Moraes (2003, p. 37), afirma que “a liberdade religiosa é a consolidação da maturidade dos povos”, pois envolve muito mais do que apenas fé, é uma construção social.

A globalização, apesar de seus benefícios, intensificou diversos problemas culturais e religiosos presentes no mundo, pois com a facilitação da comunicação é possível o acesso a qualquer parte do planeta, seja por meio digital ou físico, no entanto, quando há o contato com uma cultura e religião completamente conflitante, nasce a intolerância religiosa e as perseguições, limitando a liberdade dos fiéis adeptos.

Estima-se que grande parte da intolerância religiosa está relacionado com a concepção do Estado, com a religião predominante e governos autocráticos ou teocráticos, pois ao analisar cautelosamente os picos de preconceito contra várias religiões, é possível observar que normalmente são minorias dentro da sociedade que possui uma religião predominante, como foi concluído no 13º estudo da ACN (2014-2016) veiculada no Brasil, pela revista Veja, “A violência dos jihadistas (Iraque) também provoca o êxodo em massa de cristãos, yazidis, mandeanos e outras comunidades minoritárias”. Sociedades com governos ditatoriais também têm uma forte tendência a reprimir manifestações religiosas e, o fator da concepção do Estado está relacionado a sua “catequização” inicial.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

A priori foi desenvolvida uma ampla pesquisa quantitativa com intuito de identificar os maiores índices de perseguição religiosa e as regiões que mais têm ocorrências de intolerância com determinadas religiões, através de dados obtidos por instituições não governamentais e notícias que relatam o tema, para poder embasar e explicitar a importância na abordagem política, social, cultural e religiosa do assunto. A posteriori, foram utilizados dados históricos, através de livros, demonstrando seus impactos da intolerância religiosa tanto no passado, quanto no presente.

A seguir, pode-se dizer que o trabalho utilizou de algumas modalidades de pesquisa bibliográficas, teses e sites para aprofundar o conhecimento relacionado a intolerância religiosa, visando obter dados quantitativos e qualitativos, com fundamentos em citações e obras realizadas por estudiosos da área política e religiosa como Said e Huntington. Sucessivamente, foi realizada uma pesquisa sobre as leis e convenções nacionais e internacionais em relação às perseguições religiosas.

Com base nos dados numéricos, com caráter qualitativo, foram embasadas juntamente com as demais pesquisas bibliográficas e históricas, para explicitar os impactos da intolerância religiosa no mundo.

3.RESULTADOS

3.1 CRISTIANISMO

A religião sempre teve um peso muito grande nas tomadas de decisões no âmbito político, mesmo com sua secularização após a paz de Westfália e a criação do Estado-moderno, ainda há uma densa relevância religiosa nas ferramentas governamentais, que são relevantes na formulação do Direito internacional e interno. Além disso, há partidos conservadores voltados para a religião, podendo ser ver esse fenômeno em diversas partes do mundo, como Israel, por meio de dados obtidos por Tel Aviv e veiculados pela BBC Brasil, nas eleições de 2013, os quais apresentaram 1/3 dos partidos que concorreram as eleições eram fortemente religiosos, inclusive o do atual presidente Benjamin Netanyahu. Isso também ocorre no Brasil, como mostra o estudo “religion, culture and politics”, Machado (2012), mostra a ascensão de partidos políticos muitas vezes com um alto teor cristão que apresentavam projetos de lei baseados na cristandade. Esse fenômeno religioso como ferramenta para política também é muito comum em países islâmicos, cujo não há separação entre a esfera política e religiosa.

A Organização das Nações Unidas (ONU) em sua Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH) de 1948, prevê em seu artigo 18:

Toda pessoa tem direito à liberdade de pensamento, consciência e religião; este direito inclui a liberdade de mudar de religião ou crença e a liberdade de manifestar essa religião ou crença, pelo ensino, pela prática, pelo culto e pela observância, isolada ou coletivamente, em público ou em particular.

Assim sendo, todos os Estados que assumem a responsabilidade em respeitar as diretrizes dos Direitos Humanos, necessitam ser tolerantes a qualquer tipo de expressão religiosa. O Brasil é um dos países que adotam a DUDH, além de ser um país laico, ou seja, possui suas instituições políticas e religiosas separadas, no entanto, há liberdade para manifestações de teor religioso. Esse cenário é reforçado por:

“Contudo, o direito à liberdade de manifestação dessas liberdades no espaço público, individual ou coletivamente, a ninguém autoriza impor sua própria crença aos demais. Nenhuma crença, assim, pode definir e determinar a esfera pública, nem pode tornar obrigatórios os

seus valores e determinações para todos da sociedade, mesmo para os que não sejam seus adeptos, nem pode tornar suas leis religiosas parte das leis civis – e isso é garantido pelo Estado laico. É que a imposição de um grupo representaria, em si, restrição às demais crenças e pessoas, configurando a tirania de uns sobre outros, independentemente do argumento utilizado para tentar justificar semelhante dominação. Daí a relevância insubstituível do caráter laico tanto do Estado, quanto da própria esfera pública internacional”. (FISCHMANN, P. 32, 2012)

No entanto, é comum ouvir casos de perseguições religiosas no Brasil e no mundo, causando conflitos muitas vezes catastróficos para a população. Uma pesquisa feita pelo portal de notícias G1, aponta um crescimento de 22% no número de registros de intolerância no estado de São Paulo, em relação ao ano de 2018, explicitando que, apesar das leis que visam a proteção à liberdade de crença, ainda há uma resistência da sociedade no quesito tolerância e respeito.

Observando além da política, o debate sobre a intolerância religiosa se faz cada vez mais necessário, atualmente, pois há um número extenso de religiões existentes no planeta. É necessário tratar o assunto com delicadeza o suficiente e olhar para mais do que um ponto de vista, levando em consideração a história de cada uma das religiões abordadas, para que não possa haver maledicência de nenhuma delas. A “Cristofobia”, assim como a Islamofobia, antissemitismo ou qualquer intolerância contra as diversas religiões, necessita de um olhar diligente para que possa ocorrer a diminuição de atritos nos âmbitos políticos, sociais e ideológicos.

Por volta do ano 30, um homem que vivia na Galileia trouxe novos ensinamentos acerca de Deus trazendo princípios de amor, benignidade, misericórdia e temperança, que transcendia as cerimônias e rituais realizados na época pelos judeus (gentios, fariseus, mestres da lei), e trazendo as “boas novas”, que originou o cristianismo Marriott (2017). O cristianismo está centrado na figura de Jesus de Nazaré (Yeshua) e seus ensinamentos presentes nos quatro evangelhos do novo testamento da Bíblia Sagrada, seguido pela expansão de sua mensagem através de seus discípulos e principalmente apóstolo Paulo. Os ensinamentos de Jesus foram intensificados após sua morte de cruz por volta do ano 33, o que era considerado, na época, uma morte bárbara.

Blainey (2012), inicia seu livro com a frase “De todas as pessoas conhecidas, vivas ou mortas, Jesus é a mais influente”, pois de fato há uma influência exercida pela figura do nazareno, que impacta culturas e gerações de pessoas desde o início de seu ministério, até os dias contemporâneos. Três dias após a morte de Jesus, seus discípulos anunciaram que Ele ressuscitaria, criando a crença de que era o verdadeiro Messias, o ungido de Deus. O autor Sheley (2008) afirma sobre a origem de Jesus e seu ministério:

Jesus era judeu, veio de uma família judia, estudou as escrituras judaicas e seguiu a religião judaica. Qualquer estudo sério de sua vida deixa isso tão evidente que muitas pessoas questionam se Jesus realmente pretendeu criar o grupo de seguidores que chamamos Igreja. Albert Schweitzer, o famoso missionário na África, acreditava que Jesus era obcecado por um sonho sobre o iminente fim do mundo e sacrificou-se no sentido de tornar esse sonho realidade. Rudolf Bultmann, influente teólogo alemão, ensinava que Jesus era um profeta que desafiava as pessoas a tomar uma decisão radical por Deus ou contra Deus. Outros cristãos afirmam que o reino anunciado por Jesus era uma confraria de amor e perdão. Se é que ele fundou uma sociedade, dizem eles, foi uma sociedade invisível, um grupo moral ou espiritual — não uma instituição com ritos e crenças. (SHELEY, p. 18, 2008)

Contudo, Blainey (2012), aponta que, ainda hoje, ainda há diversos aspectos do Nascimento de Jesus, juntamente com sua vida pessoal, que não há muitos relatos na bíblia ou em documentos históricos, e morte permanecem ocultos e que em determinados momentos há divergências nas informações.

De acordo com Marriott (2017) os ensinamentos de Jesus, que causaram sua morte e o fez ser chamado de Messias, foram propagados ao longo dos séculos, primeiro para o Império Romano que fora impulsionado pelo apóstolo Paulo que escreveu 13 dos 27 livros presentes no Novo Testamento, e, depois de ter se tornado a religião oficial do Império, se difundiu na Europa, principalmente a ocidental, que no ano 800 já era encontrada sobre o domínio total de reis e imperadores cristãos, em conjuntura das atividades, de cunho missionário, essas responsáveis pela difusão do cristianismo na Rússia e futuramente para as Américas com a era dos descobrimentos em 1500.

Um marco na história do cristianismo, de fato, foi a tomada de Jerusalém do domínio dos Palestinos, movimento esse que ficou conhecido como “Cruzadas”, uma peregrinação em massa que iniciou em 1095 liderada pelo Papa Urbano II, que

movimentou milhares de fiéis a reivindicar a cidade, como descreve Marriott (2017), pois para os cristãos Jerusalém é considerada uma cidade santa, assim como Jericó, Belém, Nazaré e o mar da Galileia representavam momentos fundamentais na vida de Cristo como explicita Blainey (2012). A motivação foi a salvação espiritual prometida por Urbano II, juntamente com promessas materiais relacionadas a terras e riquezas. A primeira cruzada incluiu exércitos de fiéis de diversas localidades da Europa, como França, Alemanha e Itália, que conquistaram Jerusalém em 1099, mas em 1187 perderam o domínio para Saladino, um sultão egípcio, o que fez com que se iniciasse outras cruzadas. Foram quase 200 anos de conflitos e 9 cruzadas, no qual a última fortaleza cristã fora derrubada, findando as cruzadas em 1291, (MARIOTT 2017).

De acordo com dados divulgados pelo centro de pesquisa estadunidense de Washington DC, Pew Research Center, em 2015, o cristianismo ainda é a maior religião do planeta, com 31% de adeptos ao redor do mundo, o que representa que um terço de 7,3 bilhões da população mundial, é cristã ou familiarizados com os ensinamentos de Jesus Cristo. Juntamente com o título de maior religião do mundo, vem o fato de ser a religião mais perseguida e com maior mortalidade, como aponta uma matéria do Pew Research Center “Entre 2010 e 2015, estima-se que 223 milhões de bebês nasceram de mães cristãs e cerca de 107 milhões de cristãos morreram - um aumento natural de 116 milhões.”

Castro (2012) explica como o Estado é principal organismo que rege o sistema nacional e internacional, esse em conjuntura com os demais Estados, cuja religião está secularizada, ou seja, está separada da esfera política e recurso para a tomada de decisões, em grande parte dos países, mas nem sempre a ordem política e Estatal foi da forma que, hoje, está estabelecido. Na antiguidade os impérios e civilizações eram regidas por normas religiosas, como o Império Romano e a forte influência da igreja católica, fato que trouxe a secularização da religião juntamente com as guerras de religião.

Teve como marco a secularização das relações políticas internacionais a partir de Westphalia (1648), cujo jogo de poder revelava o aprofundamento do fosso entre o poder temporal e o poder espiritual após a Guerra dos Trinta Anos, formando o conceito do Estado soberano e estruturado em dinâmicas internas de formação nacional. A questão religiosa, no esteio das forças políticas dos Habsburgos, da malha de rivalidades dinásticas e das questões

territoriais e econômico-comerciais subjacentes, têm papel importante na análise causal histórica, cujo produto final será a criação da entidade estatal (estatocentrismo). A externalidade (positiva) das grandes. (CASTRO, p. 100, 2012)

Mesmo perdendo um pouco da sua força com a separação da esfera política e religiosa, o cristianismo ainda possui grande influência na formação da política, movimento esse que pôde ser observado nas eleições presidenciais no Brasil em 2018, como mostra uma matéria veiculada pela BBC News Brasil, que explica os fatores que levaram a movimentação de grande parte da bancada evangélica e conduziram o atual presidente, Jair Bolsonaro, a vitória, o que aumentou a rivalidade entre cristãos e ativistas de movimentos a favor de minorias sociais, uma vez que a pesquisa realizada Datafolha, e veiculada pela BBC News Brasil, Jair Bolsonaro possuía 71% da preferência dos votos evangélicos, considerando os votos válidos, enquanto Haddad, 29%, assim, solidificando que grande parte dos apoiadores evangélicos com intenção de votos para o então candidato conservador à presidência era “uma “resposta” a algumas mudanças de comportamento ocorridas nos últimos anos, como o crescimento do movimento LGBT, feminismo, discussões de identidade de gênero e novos formatos familiares”. Outro fator importante relacionado à posição de grande parte da bancada evangélica a favor de Bolsonaro é fomentação da divergência entre os próprios fiéis de diferentes segmentos e denominações do cristianismo,

Uma matéria divulgada através da BBC News Brasil, no qual o pastor Levi Araújo, da Igreja Batista da Água Branca, em São Paulo, afirma que o candidato do PSL “alimenta e fortalece um grupo neofascista que é um perigo para o Brasil”, mas que em contrapartida, o presidente contava com o apoio da liderança de grandes igrejas, como o bispo Edir Macedo, da Universal do Reino de Deus, e o pastor Silas Malafaia, da Vitória em Cristo. Flávio Conrado, afirma que, “a polarização também está nas igrejas” e alerta “O risco para os evangélicos é que sejamos cada vez mais taxados como intolerantes”.

Todavia, o cristianismo, apesar de ser a maior religião em âmbito global, não é a única e a primeira, pois no mundo sempre existiram, diversas religiões, cada uma com seus deuses, culturas e costumes, mas com o mundo globalizado, essa diversidade ficou mais evidente, acarretando o aumento da intolerância religiosa,

que pode ser definida como atitudes ofensivas contra determinada religião, crenças e práticas religiosas provenientes daqueles que não compartilham da mesma fé. Atualmente, há diversas leis e normas regulamentadoras que visam a proteção e o combate da perseguição religiosa, no Brasil, a liberdade de crença é garantida pela Constituição Federal (CF) brasileira no Artigo 5º (Brasil, 1988):

VI - é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias;
VII - é assegurada, nos termos da lei, a prestação de assistência religiosa nas entidades civis e militares de internação coletiva;
VIII - ninguém será privado de direitos por motivo de crença religiosa ou de convicção filosófica ou política, salvo se as invocar para eximir-se de obrigação legal a todos imposta e recusar-se a cumprir prestação alternativa, fixada em lei.

A violação dessas normas poderá ocasionar sanções aos infratores, previstas no Código Penal (CP), em seu artigo 208 (Brasil, 1940):

Escarnecer de alguém publicamente, por motivo de crença ou função religiosa; impedir ou perturbar cerimônia ou prática de culto religioso; vilipendiar publicamente ato ou objeto de culto religioso:
Pena - detenção, de um mês a um ano, ou multa.
Parágrafo único - Se há emprego de violência, a pena é aumentada de um terço, sem prejuízo da correspondente à violência.”

Aderente aos Direitos Humanos, também vigora o que foi declarado no artigo 18 da DUDH, contudo, ainda há uma crescente onda de denúncias causadas por crime de ódio contra religiosos. Uma pesquisa realizada em 2020 e divulgada pelo G1, apontou um crescimento de 30,7% no número de registro de denúncias na região metropolitana de Campinas em relação ao ano anterior (2018). O site oficial do Senado Federal Brasileiro (2013), divulgou um aumento de 626% nas denúncias de intolerância religiosa em apenas um ano, sendo em sua grande maioria, ataques a religiões de matriz africana. Segundo Puff (2016) o doutor em ciências da religião, José Luiz Carneiro, em uma entrevista realizada através do jornal BBC, conecta grande parte do preconceito com as religiões provenientes do continente africano com a intolerância de adeptos ao cristianismo que associam o culto com rituais satânicos, "A ligação entre esses dois fatores está muito bem resolvida na academia. As razões profundas na questão racial e o discurso neopentecostal que reforça no imaginário popular que é o macumbeiro, o sujo, o que faz o mal" afirma o

especialista. Puff (2016) contribui também, ao passo que, o pastor Ed René Kivitz para o jornal BBC contrapõe Carneiro, afirmando que não faz parte da índole cristã e que esses são casos isolados, ao mostrar certa preocupação com os casos e os impactos negativos sobre a visão da sociedade em relação à igreja evangélica, pois está sendo formulada uma ideia do ser evangélico que não corresponde à realidade dos fiéis que se identificam como tal.

Ao redor do mundo, a intolerância religiosa também é um assunto preocupante. Em 2019, o atual secretário-geral da ONU, António Guterres, fez um alerta para o avanço de crimes religiosos, tais quais, muçulmanos abatidos em mesquitas, com seus locais religiosos vandalizados; judeus assassinados em sinagogas, com suas lápides desfiguradas por suásticas; cristãos mortos em oração, com suas igrejas frequentemente incendiadas e ataques às religiões de procedência africana. O secretário-geral afirmou em seu discurso veiculado pelo Centro de Informações das Nações Unidas no Brasil:

“Em todo o mundo, estamos vendo uma onda perturbadora de intolerância e de violência baseada em ódio atingindo fiéis de muitas fés. Apenas nos últimos dias, uma sinagoga nos Estados Unidos e uma igreja em Burkina Faso ficaram sob ataque” (UNIC, 2019)

Um dos fatores apontados pela ONU relacionado ao aumento das perseguições religiosas está atrelado ao discurso de ódio de governos extremistas incentivando tais atos. O relator especial da Organização sobre a liberdade de religião ou crença, Heiner Bielefeldt, afirmou durante reunião na Assembleia Geral das Nações Unidas, divulgado pela ONU e veiculado pela revista eletrônica EcoDebate, que os Estados teocráticos que têm o total controle sobre as religiões favorecem a proliferação de atos que aumentam a perseguição religiosa e países com sistemas políticos e legais disfuncionais, dominados por organizações criminosas, milícias e grupos terroristas, também resultaram na violação dos direitos religiosos, juntamente com os direitos humanos. Bielefeld também destaca: “A intolerância religiosa não se origina diretamente das próprias religiões”. O relator também aponta outro fator, partindo do pressuposto de que as violações também podem ser promovidas a partir de interpretações intolerantes das religiões ou crenças divergentes.

A religião predominante no Brasil ainda é a cristã com cerca de 86,8% de fiéis, de acordo com a última divulgação do Censo de 2010, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), fazendo com que o Brasil se torne a maior nação católica do mundo, representando um total de 64,6%, todavia houve uma perda considerável dos adeptos católicos na última década, com uma redução de aproximadamente 12,2% como aponta dados do IBGE, veiculados através da revista VEJA em 2012, enquanto a taxa de protestantes vem subindo consideravelmente representando 22,2% dos cristãos no Brasil. Em contrapartida, nos Estados Unidos, o número de cristãos dos segmentos católico e protestante, vêm entrando em declínio, enquanto ascende o índice de pessoas sem afiliação religiosa. A pesquisa realizada pelo Pew Research Center realizada nos anos de 2018 e 2019, mostra que 43% dos adultos norte-americanos se identificam com o protestantismo, ante 51% em 2009. E um em cada cinco adultos (20%) são católicos, ante 23% em 2009.

3.2 ISLAMISMO

As primeiras origens do islamismo vieram através do profeta Islâmico Muhammad (Maomé), nascido em meca por volta do ano 570. Aos 40 anos recebeu a visita do Anjo Gabriel que passou a receber ensinamentos divinos, culminando posteriormente na criação do alcorão, o livro sagrado islã. Com as novas revelações, Maomé passou a convocar homens e mulheres à reforma e à submissão à vontade de Deus, expandindo seu império, o Califado, e a nova religião monoteísta, esta que acredita em Alá como o único e verdadeiro Deus e Maomé como o último de uma série de profetas principais (HOURANI, 1991). De acordo com a tradição, Maomé recebeu a missão de Alá em propagar o islã, que como religião, não possui caráter homogêneo, devido à sua visão de expansão e universalização da fé, o que impulsionou a conquista de novos territórios e conquista do norte da África. O islamismo se desenvolveu e adquiriu uma cultura própria que pode ser notada nas diferentes regiões que conquistou ao longo dos séculos, (DEMANT, 2014).

Atualmente, o islamismo é uma das grandes religiões monoteístas e o grupo religioso que mais cresce na contemporaneidade, de acordo com dados divulgados pelo Pew Research Center, o crescimento acelerado de aderentes a prática do Islã,

tendem a se tornar a maior religião do mundo até o final do século, e esse crescimento está relacionado com a migração regional de muçulmanos, agravado por grupos extremistas que cometem atos bárbaros em nome do Islã levando esses fatos ao debate político internacional, assim sendo, nos últimos anos, os discursos sobre o Islã e a religião como um todo, aumentaram e passaram a ter relevância nas mídias, principalmente pelas ações adotadas por grupos violentos e/ou terroristas com doutrinas fundamentalistas, como a Al'Qaeda, o ISIS, o Boko Haram juntamente com os decorrentes conflitos no Oriente Médio com motivações políticas de governos autoritários, geopolíticas e econômicas, mas que faz por intermédio de motivações religiosas.(DEMANT, 2014). O Pew Research Center ainda apontou em uma pesquisa realizada em 2015, através de dados coletados em 11 países com populações muçulmanas significativas, aponta que 94% dos muçulmanos não concordam com atitudes extremistas de governos ou grupos radicais que utilizam da religião para justificar atos violentos, porém no cenário internacional impacta a visão, principalmente dos países ocidentais e nos EUA, da religião.

Analisando através dessa ótica, engloba-se a análise de Edward Said sobre o orientalismo,

O orientalismo não é só uma doutrina positiva sobre o Oriente que existe em um momento dado no Ocidente, é também uma influente tradição acadêmica (quando se faz referência a um especialista acadêmico que é chamado de orientalista), e uma área de interesse definida por viajantes, empresas comerciais, governos, expedições militares, leitores de romances e de relatos de aventuras exóticas, historiadores naturais e peregrinos para quem o Oriente é um tipo específico de conhecimento sobre lugares, povos e civilizações específicos. As expressões idiomáticas para o Oriente tornaram-se frequentes, e essas expressões assentaram-se firmemente no discurso europeu. (SAID, 1990, p. 210).

Há algum tempo vem sendo discutidas questões relacionadas ao orientalismo e como o Ocidente, mais relacionado a América do Norte e Europa Ocidental, vêm retratando o Oriente. Said (1978), inicia seu livro "Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente" com a seguinte afirmação "O Oriente era quase uma invenção europeia", explicitando que o oriente é muito mais do que é retratado pelas diversas mídias e histórias relatadas por povos ocidentais. Exemplos clássicos que formulam a imagem dos povos orientais, principalmente do Oriente Médio e Ásia, são as produções de Hollywood que retratam povos locais, cultura e religião, como aponta

uma reportagem da a Revista Galileu em 2019, que após analisar diversas obras “Hollywoodianas” notou que

“Centenas de filmes de Hollywood nos últimos 50 anos ligaram o Islã à guerra santa e ao terrorismo, ao mesmo tempo em que descrevem os muçulmanos como “invasores alienígenas hostis” ou “xeques lascivos com intenção de usar armas nucleares”.

Todas essas representações foram provenientes de uma série de conflitos na região do oriente médio a guerra árabe-israelense de 1967, o embargo do petróleo árabe de 1973, a crise dos reféns no Irã e a Guerra do Golfo e por fim o ataque do 11 de setembro, acontecimento que iniciou a famigerada “guerra ao terror”, todavia, esses acontecimentos recentes só fomentaram a rivalidade entre os “dois mundos” que também partem de um pressuposto religioso.

“Mil e quatrocentos anos de História provam o contrário. As relações entre o Islamismo e o Cristianismo, tanto ortodoxo como Ocidental, foram frequentemente tempestuosas. Cada um foi o outro do outro. O conflito do século XX entre a democracia liberal e o marxismo-leninismo é apenas um fenômeno histórico fugaz e superficial, se comparado com a relação continuada e profundamente conflitiva entre o Islamismo e o Cristianismo. Em alguns períodos, prevaleceu uma coexistência pacífica, mas na maioria das vezes essa relação foi de guerra fria e de diversos graus de guerra quente. John Esposito comenta que sua “dinâmica histórica” (HUNTINGTON, p. 262, 1997)

O autor traz uma relação que envolve os aspectos políticos, econômicos e sociais que em determinado momento gera preconceito com povos da região tais como a islamofobia. Fatores históricos são frequentemente citados por Huntington (1997) para explicitar a discrepância entre o Ocidente e o Oriente e o conflito entre cristianismo e islamismo, podendo ser atribuídos a fatores como o declínio demográfico, desenvolvimento econômico, mudanças tecnológicas e intensidade de dedicação religiosa crescente e difundida na região, variando de acordo com o tempo.

Huntington (1997) também descreve que, quando ocorreu as primeiras expansões árabe-islâmicas, até o século VIII em diversos territórios do Oriente médio e ao norte da África, houve uma estabilização da linha divisória entre o cristianismo e o islamismo que perdurou por mais de 2 séculos, pois em 1099, a comando de Papa Urbano II teve início das cruzadas para retomar Jerusalém.

Diversas batalhas entre Estados com religiões divergentes até se formar o cenário internacional contemporâneo, e com os dados históricos analisados, o autor conclui que “50 por cento das guerras que envolveram pares de Estados de religiões diferentes no período de 1820 a 1929 foram guerras entre muçulmanos e cristãos” (HUNTINGTON, p. 263, 1997). De acordo com ele, ocorreu combinação de fatores que fomentou os conflitos entre o Islã e o Ocidente, no final do século XX, uma vez que as estruturas do cristianismo, nos Estados Unidos, passaram a ser abaladas por movimentos hippies entre 1960 e 1970, agravados por rivalidades entre católicos e protestantes que levaram o então atual presidente americano John F. Kennedy a falar abertamente sua fé no catolicismo, em um discurso em 1960, pois foi acusado de ser “antipatriota e comunista católico” fazendo com que Kennedy minimizasse sua fé, assim garantindo aos seus ministros protestantes que acreditava no discurso de "uma América onde a separação entre Igreja e Estado é absoluta", como aponta um artigo divulgado no portal Boston University Arts & Sciences. O autor ressalta em sua obra fatores recentes que afunilou a rivalidade entre muçulmanos e cristãos, assim como o oriente e o ocidente, iniciando pelo crescimento da população muçulmana, no qual os países de origem não comportam emprego para o número crescente de jovens, acarretando migrações para sociedades Ocidentais.

Outro fator crucial para Huntington (1997), está relacionado aos esforços do Ocidente, Estados Unidos em destaque, para universalizar seus valores e instituições relacionados a democracia e liberdade, estruturada com base nos ensinamentos judaico-cristão, para a manutenção da sua superioridade econômica e militar, utilizando a para intervir nos conflitos do mundo muçulmano, o que acarretam muita destruição para eles e fomentam a rivalidade no meio dos muçulmanos em relação ao ocidente.

Os crescentes contatos e entremeses de muçulmanos e ocidentais estimulam em cada lado uma nova percepção de sua própria identidade e de como ela difere da identidade do outro. A interação e a entremesclar também exacerbam as diferenças em relação aos direitos dos membros de uma civilização num país dominado por membros de outra civilização. Dentro das sociedades muçulmanas e cristãs, a tolerância de uma para com a outra diminui de forma aguda nos anos 80 e 90. (HUNTINGTON, p.265, 1997)

Apesar da forte rivalidade com o ocidente, há conflitos dentro dos próprios países islâmicos como os persas e Iranianos que mantêm uma inimizade com os árabes, que consideravam bárbaros, e possuem a visão de que sua civilização entrou em decadência a partir da invasão islâmica no século VII

“[...] impôs uma religião revelada em árabe e disseminada por árabes, em detrimento da cultura persa. Mesmo sob o atual sistema de governo teocrático xiita, a herança ancestral do Irã pulsa no dia a dia do país. A ligação com o passado pré-islâmico continua tão forte que o Irã funciona até hoje com base no calendário persa.” (ADGHIRNI, p 14, 2014)

Por intermédio de diversos fatores políticos e sociais atrelados a atos extremistas de grupos radicais a religião islã é mal interpretada, principalmente na cultura ocidental, o que agrava o preconceito e a intolerância religiosa.

3.3 AS MULHERES NA RELIGIÃO E A ONU SOBRE A QUESTÃO RELIGIOSA

O movimento feminista é um movimento social crescente na contemporaneidade, mas que surgiu nas últimas décadas do século XIX, em um movimento organizado por mulheres que reivindicavam seus direitos, entre eles o sufrágio pelo poder de votos, evento que desencadeou mais manifestações e que fez o movimento conseguir adeptos cada vez mais (PINTO, 2010 p. 15), adentrando em todos os aspectos da sociedade, inclusive nas religiões

Ao longo da história ocidental sempre houve mulheres que se rebelaram contra sua condição, que lutaram por liberdade e muitas vezes pagaram com suas próprias vidas. A Inquisição da Igreja Católica foi implacável com qualquer mulher que desafiasse os princípios por ela pregados como dogmas inofismáveis. (PINTO, 2010 p. 15)

A autora destaca o fato de que as religiões possuem seus próprios dogmas em relação ao papel da mulher na sociedade, a maioria relacionado com a questão do patriarcado, que em suma é um sistema sociopolítico que privilegiam o homem colocando-o no poder em relação às mulheres, e em muitas crenças esse é o sistema mais utilizados.

O cristianismo possui uma visão de uma marginalização feminina proveniente da criação de Eva, como vemos na cultura judaico-cristã, no qual foi feita a partir da costela de adão (Gênesis 2:22) e foi incumbida a realizar serviços domésticos, assim

como a priorização masculina e a marginalização feminina, como afirma (LENARTOVICZ, 2016).

“E disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; e domine sobre os peixes do mar, e sobre as aves dos céus, e sobre o gado, e sobre toda a terra, e sobre todo o réptil que se move sobre a terra. E criou Deus o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou.” (Gênesis1:26,27)

Assim como a desobediência de Eva, passou a ser visto como fraqueza e vulnerabilidade feminina. Todavia há diversas passagens cuja mulher é valorizada, trazendo assim uma nova releitura da Bíblia Sagrada, a partir da ótica feminina, como a publicação de Elizabeth Cady Stanton que lançou um projeto coletivo de revisão e de reinterpretação da Bíblia no final do século XIX, intitulado de The Woman's Bible, o que serviu como ponto de partida para o aumento da representatividade feminina nas igrejas cristãs (Rosado, 2001).

No Islã, as mulheres possuem uma semelhança aos homens e goza dos direitos que eles

Há cerca de 1400 anos, o Islã afirmou que a mulher é um ser humano, que tem uma alma da mesma natureza que a do homem, e que ambos, homens e mulheres, gozam dos mesmos direitos (LARA, Anne; MANGEON, Maria Cristina; DIEHL; Vitória, 2012)

Todavia, há uma crença errônea sobre as mulheres islã e o uso do véu, que para elas significa submissão total aos valores de Alá e um símbolo de respeito à família, vistos como formas de opressão. O véu, em alguns casos, pode ser utilizado como forma de dominação sobre as mulheres, que por algumas vezes sofrem pressões por parte da família (Fernandes, 2019) ou grupos radicais como o Talibã que diminuem as mulheres através de segregações e uso de véus como aponta uma matéria (CNN, 2021) mas em geral não são de uso obrigatório. Sendo assim, mesmo que haja controvérsias sobre o uso do véu das mulheres islã, não há motivo para que as organizações internacionais intervirem, pois são aspectos culturais e religiosos, nos quais a Organização das Nações Unidas (ONU) preza, tendo como um de seus princípios a liberdade religiosa, no qual ninguém pode ser limitado ou proibido de exercer a liberdade de ter uma religião ou convicções de escolha

pessoal. Porém como uma Organização Internacional, tem o dever de alertar e instruir, os países que adotam os Direitos humanos, quando há casos de violações contra o que foi estabelecido em 1948, não somente em relação às mulheres, mas aos povos como um todo.

O secretário-geral da ONU, António Guterres (ONU NEWS, 2019) que nos últimos meses “judeus foram assassinados em sinagogas, suas lápides desfiguradas com suásticas, muçulmanos abatidos em mesquitas, seus locais religiosos vandalizados, cristãos mortos em oração, suas igrejas incendiadas.” E continuou com a afirmação de crescentes relatos que violam a fé: “nos últimos meses, tem se visto um número crescente de ataques contra indivíduos e grupos visados simplesmente por causa de sua religião ou crença.” enfatizando também, que a grande maioria das religiões do mundo defendem a tolerância, assim como a coexistência pacífica, acrescentando que as pessoas precisam “resistir e rejeitar aqueles que, de maneira falsa e maliciosa, invocam a religião para construir equívocos, alimentar a divisão e espalhar o medo e o ódio”, posicionando-se contra os recorrentes ataques a diversos grupos religiosos que têm crescido em todo o mundo, enfatizando que a ONU preza por seus princípios e a tolerância.

4. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Com pesquisas realizadas com base em notícias e estudiosos do tema, fica explícito, o impacto do cristianismo na sociedade moderna juntamente com o histórico de guerras e revoluções que ocasionaram uma queda atual da adesão das pessoas ao cristianismo, uma vez que este desempenha um papel importante no assunto intolerância religiosa, pois muitos fiéis e seguidores utilizam das palavras da Bíblia Sagrada para discriminar povos com pensamentos divergentes, mulheres e minorias. Por outro lado, há a situação cujo cristianismo é combatido e perseguido por regimes autocráticos e sociedades nos quais os ensinamentos religiosos não convergem, mesmo com leis nacionais e internacionais que visam o combate desse tipo de situação.

Outra grande religião monoteísta que têm semelhanças com o cristianismo é o islamismo, pois com os crescentes ataques terroristas de grupos radicais que utilizam sua fé para justificar atos bárbaros, a popularidade diminui enquanto a intolerância aumenta, fomentada por discursos de líderes e mídias sociais que evitam a transculturação e a aceitação dessa crença, que por sua vez perde lentamente a credibilidade entre as minorias que olham a religião como machista, por suas práticas e princípios religiosos em relação as mulheres. Religiões menores e pouco conhecidas também têm sua fé desrespeitada e sofrem pressão, principalmente por religiões maiores, pois julgam ser uma religião pagã porque é proveniente de culturas e povos tribais ou nativos de determinada região.

Sendo assim, grandes e pequenas religiões entram no ciclo da intolerância religiosa, pois não há um diálogo e a aceitação do diferente, criado por choques de civilizações ou até mesmo estereótipos criados ao longo da história, que separam as religiões com a intolerância.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Utilizando grandes autores dos temas políticos sociais e religiosos, como Said, Locke, Huntington, dentre outros, foi possível analisar a história e o desenrolar dos principais acontecimentos que elevaram a religião a um nível de importância na vida do ser humano e na sociedade como um todo e como a “divisão do mundo” ocidental e oriental interfere diretamente na religião e na forma no qual os indivíduos recebem a crença divergente quando entram em contato.

Analisando o processo histórico do cristianismo como maior religião do mundo, foi possível observar sua ascensão como religião monoteísta, sua difusão no mundo e os passos que levaram a uma onda decadente de fiéis na contemporaneidade, principalmente por questões políticas e sociais como destacam as recentes pesquisas apontadas. Dentro deste aspecto também foi estudado brevemente a relação das mulheres no cristianismo, que também influenciam na adesão dos fiéis.

A ONU possui um papel fundamental na manutenção da paz entre as diferentes religiões orientando e conscientizando que cada pessoa, povo e cultura possui sua crença, ou simplesmente não acreditam em possíveis divindades, todavia todos buscam reafirmar suas crenças, divinas ou não, o que traz diversos conflitos quando se encontram. é possível observar que a maioria das religiões tem um objetivo em comum: o amor ao próximo, objetivo esse que apenas será alcançado por intermédio do diálogo e a tolerância religiosa.

REFERÊNCIAS

ADGHIRNI, Samy. Os Iranianos. São Paulo: Contexto, 2014.

ASULTANY Evelyn. **Por que o novo 'Aladdin' reforça estereótipos sobre a cultura árabe?**. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Cultura/Cinema/noticia/2019/05/por-que-o-novo-aladdin-reforca-estereotipos-sobre-cultura-arabe.html>. Acesso em 26 mai 2021.

AZEVEDO, Reinaldo. **O IBGE e a religião — Cristãos são 86,8% do Brasil; católicos caem para 64,6%; evangélicos já são 22,2%**. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/o-ibge-e-a-religiao-cristaos-sao-86-8-do-brasil-catolicos-caem-para-64-6-evangelicos-ja-sao-22-2/>. Acesso em: 11 mar. 2021.

BLAINEY, Geoffrey. **uma breve história do cristianismo**. Melbourne, 2012

BRASIL, Constituição Federal. **constituição da república federativa do brasil de 1988**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 16 ago. 2020.

BRASIL. **Código Penal de 1940**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del2848compilado.htm. Acesso em: 16 ago. 2020.

BRAUN, Julia. **Estudo global mostra que perseguição religiosa aumentou**. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/mundo/estudo-global-mostra-que-perseguiacao-religiosa-aumentou/>. Acesso em: 15 mar. 2020.

BUTTERS, Julie. **Why America Can't Separate religion e politics**. Disponível em: http://www.bu.edu/cas/magazine/fall15/america/?__hstc=23171429.582de09bb43c360bd957d0a5002d9aed.1617194597225.1617194597225.1617194597225.1&__hssc=23171429.9.1617194597226&__hsfp=1313801285. Acesso em: 26 maio 2021

CASTRO, Thales. Teoria das relações internacionais. Brasília: FUNAG, 2012

CENTER, Pew Research. Extremism Concerns Growing in West and Predominantly Muslim Countries. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/global/2015/07/16/extremism-concerns-growing-in-west-and-predominantly-muslim-countries/>. Acesso em: 25 maio 2021.

CENTER, Pew Research. In U.S. **Decline of Christianity Continues at Rapid Pace**. Disponível em: <https://www.pewforum.org/2019/10/17/in-u-s-decline-of-christianity-continues-at-rapid-pace/>. Acesso em: 10 mar. 2021.

COGIOLLA, Osvaldo. **Islã histórico e islamismo político**. Disponível em: https://icarabe.org/sites/default/files/pdfs/o_mundo_arabe_contemporaneo_-_aula_6_anexo_2.pdf. Acesso em: 15 mar. 2020.

DA REUTERS. **Talibã diz que mulheres podem estudar em universidades, mas em salas segregadas**. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/taliba-diz-que-mulheres-podem-estudar-em-universidades-mas-em-salas-segregadas/>. Acesso em: 12 set. 2021.

DEMANT, Peter. **História das Relações Internacionais - Aula 1 - Introdução e conceitos básicos - Parte 2**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HbwITILPww8&t=886s>. Acesso em: 07 mar. 2020.

DEMANT, Peter. O Mundo Muçulmano. São Paulo: Contexto, 2004.

EPTV 2. **Registros de intolerância religiosa sobem 30% em um ano na Região Metropolitana de Campinas**. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/2020/02/12/registros-de-intolerancia-religiosa-sobem-30percent-em-um-ano-na-regiao-metropolitana-de-campinas.ghtml>. Acesso em: 18 nov. 2020.

FERNANDES, Maria de Lurdes Dias. **As mulheres na religião islâmica**. Disponível em: <http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/bitstream/tede/4256/2/Maria%20de%20Lourdes%20Dias%20Fernandes.pdf>. Acesso em: 7 jun. 2021

FISCHMANN, Roseli. **Estado laico, educação tolerância e cidadania**. Disponível em: <http://www.hottopos.com/ebooks/ESTADO%20LAICO.pdf>. Acesso em: 26 mar 2020.

GUITTON, René. **Ces chrétiens qu'on assassine**. Paris: Flammarion, 2009, P. 16 e 17.

HACKETT, Conrad e McCLENDON, David. **Christians remain world's largest religious group, but they are declining in Europe**. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/fact-tank/2017/04/05/christians-remain-worlds-largest-religious-group-but-they-are-declining-in-europe/>. Acesso em 21 jan. 2021. Acesso em: 16 fev. 2021.

HOURANI, Albert. **Uma história dos povos árabes**. Disponível em: file:///C:/Users/maiar/Downloads/HOURANI,%20Albert.%20Uma%20Histo%CC%81ria%20dos%20Povos%20A%CC%81rabes.%20Sa%CC%83o%20Paulo_%20Companhia%20das%20Letras,%202006.pdf. Acesso em: 10 out. 2021.

HUNTINGTON, Samuel. **Choque de Civilizações e a recomposição da ordem mundial**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo amostra-religião**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pesquisa/23/22107>. Acesso em: 10 mar. 2021.

LARA, Anne; MANGEON, Maria Cristina; DIEHL; Vitória. **Costumes e direitos das mulheres islâmicas**. Disponível em: <https://www.redeicm.org.br/revista/wp->

content/uploads/sites/36/2019/06/A5_Costumes_direitos_mulheres_Islamicas.pdf

Acesso em: 7 jun. 2021.

LENARTOVICZ, Marcia Aparecida. **O papel da mulher nas diferentes tradições religiosas: estudo de gênero como material pedagógico no ensino fundamental.** Disponível em:

http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_pdp_hist_uel_marciaaparecidalenartovicz.pdf. Acesso em: 7 jun. 2021.

LIPKA, Michael. **Muslims and Islam: Key findings in the U.S. and around the world.** Disponível em: <https://www.pewresearch.org/fact-tank/2017/08/09/muslims-and-islam-key-findings-in-the-u-s-and-around-the-world/>. Acesso em: 25 maio 2020.

LIU, Joseph Global. **Christianity – A Report on the Size and Distribution of the World's Christian Population.** Disponível em: <https://www.pewforum.org/2011/12/19/global-christianity-exec/>. Acesso em: 21 jan. 2021.

LOCKE, John. **Carta acerca da tolerância.** Disponível em: http://dhnet.org.br/direitos/anthist/marcos/edh_locke_carta_tolerancia.pdf. Acesso em: 29 maio 2021.

LÜDER, Amanda. **Registros de intolerância religiosa aumentam 22% no estado de SP.** Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/01/21/registros-de-intolerancia-religiosa-aumentam-22percent-no-estado-de-sp.ghtml>. Acesso em: 26 mar. 2020.

MACHADO, Leandro e FRANCO, Luiza. **Eleições 2018: os valores e 'boatos' que conduzem evangélicos a Bolsonaro.** Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45829796>. Acesso em: 08 mar. 2021.

MACHADO, Maria das Dores Campos. **Religion, culture and politics**. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-85872012000200003&script=sci_arttext. Acesso em: 07 mar. 2020.

MARRIOT, Emma. **A história do mundo pra quem tem pressa**. 9ª ed. Rio de Janeiro: 2017, P. 14 a 105.

MORAES, Alexandre de. **Direito constitucional**. 3. Ed. São Paulo, 2003, p.37

NOVAES, João. **Cristianismo perdeu espaço nos últimos cem anos, diz pesquisa**. Disponível em: <https://operamundi.uol.com.br/politica-e-economia/18661/cristianismo-perdeu-espaco-nos-ultimos-cem-anos-diz-pesquisa>. Acesso em 21 jan. 2021.

ONLINE, Bíblia. **Bíblia online**. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/acf/gn/3>. Acesso em: 4 out. 2021.

ONU, Assembleia Geral. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/wp-content/uploads/2018/10/DUDH.pdf>. Acesso em: 26 mar 2020.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Feminismo, História e Poder**. Disponível em: <http://flacso.org.br/files/2016/10/03.pdf>. Acesso em: 7 jun. 2021.

PORTAS ABERTAS. **Igreja perseguida**. Disponível em: <https://www.portasabertas.org.br/cristaos-perseguidos/igreja-perseguida>. Acesso em: 07 mar. 2020.

POUSHTER, Jacob. **In nations with significant Muslim populations, much disdain for ISIS**. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/fact-tank/2015/11/17/in-nations-with-significant-muslim-populations-much-disdain-for-isis/>. Acesso em 25 mai. 2021.

PUFF, Jefferson. **Por que as religiões de matriz africana são o principal alvo de intolerância no Brasil?** Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/01/160120_intolerancia_religioes_africanas_jp_rm. Acesso em: 11 mar. 2021.

REDAÇÃO. **Intolerância religiosa é incentivada por governos e favorece crimes de ódio, alerta relator da ONU.** Disponível em: <https://www.ecodebate.com.br/2016/10/31/intolerancia-religiosa-e-incentivada-por-governos-e-favorece-crimes-de-odio-alerta-relator-da-onu/>. Acesso em: 21 de jan. 2020.

RIBEIRO, Paulo Silvino. "**Processo de globalização e suas ambiguidades**"; *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/processo-globalizacao-suas-ambiguidades.htm>. Acesso em: 06 mar. 2020.

ROSADO, Maria José. **O impacto do feminismo sobre o estudo das religiões.** Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/YnYKS3QPKG5YhdjXbzWnhdw/?lang=pt>. Acesso em: 7 jun. 2021.

SAID, Edward W. **Orientalismo: Oriente como invenção do Ocidente.** 1ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, P. 13 a 209.

SAYURI, Juliana. **Os neologismos da intolerância religiosa. E suas controvérsias.** Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2019/05/09/Os-neologismos-da-intoler%C3%A2ncia-religiosa.-E-suas-controv%C3%A9rsias>. Acesso em: 16 mar. 2020.

SHELLEY, Bruce L. **História do cristianismo.** 1. ed. — Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2018.

SHERWOOD, Harriet. **UK government urged to take steps to prevent persecution of Christians.** Disponível em:

<https://www.theguardian.com/world/2019/jul/08/uk-government-urged-to-take-steps-to-prevent-persecution-of-christians>. Acesso em: 07 mar. 2020.

STECK, Juliana Monteiro. **Intolerância religiosa ainda é desafio à convivência democrática.** Disponível em:

<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2013/04/16/intolerancia-religiosa-e-ainda-e-desafio-a-convivencia-democratica#:~:text=A%20intoler%C3%A2ncia%20religiosa%20%C3%A9%20um,liberdade%20e%20a%20dignidade%20humana>. Acesso em: 18 nov. 2020.

TEIXEIRA, Carlos Plácido. **ONU alerta para avanço da intolerância religiosa no mundo.** Disponível em: <https://radardofuturo.com.br/3556-2/>. Acesso em: 21 jan. 2020.

TORRES, Daniel Chagas. **A cristofobia no século XXI: entendendo a perseguição aos cristãos no terceiro milênio.** Charleston: 2015.

UNIC. **Chefe da ONU alerta para avanço do discurso de ódio e da intolerância religiosa no mundo.** Disponível em: <https://unicrio.org.br/chefe-da-onu-alerta-para-avanco-do-discurso-de-odio-e-da-intolerancia-religiosa-no-mundo/>. Acesso em: 04 out. 2021.

ANEXO A - CARTA DE DISPENSA DE APRESENTAÇÃO AO CEP OU CEUA**CARTA DE DISPENSA DE APRESENTAÇÃO AO CEP OU CEUA**

À

COORDENADORIA DO PROGRAMA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UNISAGRADO

Informo que não é necessária a submissão do projeto de pesquisa intitulado INTOLERÂNCIA RELIGIOSA E SEUS IMPACTOS NO MUNDO: OS DESAFIOS PARA O ALCANCE DO DIÁLOGO, ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP) ou à Comissão de Ética no Uso de Animais (CEUA) uma vez que será realizada análise bibliográfica e documental.

Atenciosamente,

FÁBIO JOSÉ DE SOUZA